

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA VELHICE E DO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO DA MULHER NA MEIA IDADE: PRECONCEITO, ESTIGMATIZAÇÃO

Virna Lisi Mozer Silva Pereira¹
Jeanne Fonseca Leonardo²

RESUMO: O envelhecimento é uma fase do desenvolvimento humano marcada por diversas alterações cognitivas, físicas, sociais e psicológicas. Envelhecer é um processo que marca uma fase da vida e, ele pode ser observado através dessas alterações no sujeito. O envelhecimento populacional constitui uma das maiores conquistas da humanidade e atualmente tornou-se possível em todas as camadas da sociedade. No entanto, muitas sociedades não estão preparadas para tais mudanças, no sentido que elas conferem valores relacionados com competitividade, supervalorizam a capacidade para o trabalho, a independência e autonomia funcional. Porém, muitos desses valores não podem ser seguidos pelas pessoas à medida que se aproximam da velhice. Tais valores e crenças são construídas sob a forma de representações, isso se dá nas conversações diárias dos grupos, elas equivalem aos mitos e crenças das sociedades tradicionais. A proposta deste trabalho é analisar através de uma revisão bibliográfica a seguinte questão: de que forma as representações sociais que as pessoas tem da velhice corrobora para sustentar o preconceito e a estigmatização nesta fase singular? O estudo objetiva analisar a representação social da velhice na mulher, refletindo sobre preconceitos, os problemas e as vantagens que envolve o processo de envelhecimento para a mulher, com a finalidade de desconstruir estigmatizações.

693

Palavras-chave: Mulher. Envelhecimento. Velhice. Percepção cultural. Estigmatização.

INTRODUÇÃO

A transição para a velhice desencadeia um intrincado processo de adaptação e reconfiguração psicoemocional, levando os indivíduos a buscarem compreender as mudanças associadas ao envelhecimento e enfrentar novos desafios.

Observa-se que, ao longo deste período, há uma aparente retração nos investimentos relacionais, o que, em uma análise inicial, poderia ser erroneamente atribuído a limitações ou fragilidades inerentes à idade. No entanto, este movimento mais seletivo em direção a relações

¹ Aluna do Programa de Cognição Linguagem na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro– UENF.

² Aluna do Programa de Cognição e Linguagem na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro– UENF.

pode ser uma expressão consciente de autopreservação, priorizando conexões mais significativas e valiosas. Além disso, estudos mostram que a velhice, longe de ser apenas uma fase de declínio, é uma etapa vital no desenvolvimento humano, marcada por desafios psicossociais que abrem espaço para novas experiências e aprendizados.

O envelhecimento populacional constitui uma das maiores conquistas da humanidade e atualmente tornou-se possível em todas as camadas da sociedade. No entanto, muitas sociedades não estão preparadas para tais mudanças, no sentido que elas conferem valores relacionados com competitividade, supervalorizam a capacidade para o trabalho, a independência e autonomia funcional. Porém, muitos desses valores não podem ser seguidos pelas pessoas à medida que se aproximam da velhice. Tais valores e crenças são construídas sob a forma de representações, isso se dá nas conversações diárias dos grupos, elas equivalem aos mitos e crenças das sociedades tradicionais.

A classificação das pessoas embasada na idade, consiste numa organização sobre nós mesmos e sobre os outros. As percepções relacionadas a idade sobre o que é ser velho/idoso, criança, adulto e adolescente são concebidas no meio familiar muito precocemente e se amplia por todos os segmentos da sociedade e se reflete nas escolhas e nos comportamentos dos sujeitos. Essas ideias sobre o envelhecer são internalizadas pelos próprios sujeitos nessa fase da vida, associando o processo de envelhecimento a perdas, doenças, limitações, isolamento, incapacidade, depressão, solidão, inatividade, dentre outras ideias.

Nesse sentido a mulher na meia idade sofre ainda mais com preconceitos a respeito do seu processo de envelhecimento, visto que a sociedade desde sempre associou a identidade da mulher a beleza e a fertilidade, além de convocar a mulher para esse lugar de eterna juventude desprezando as marcas de vida que a mulher carrega e, ignorando o fato de que ser mulher está para além de tais ideais.

Em meio a esse contexto, surge a problemática das representações sociais sobre a velhice e suas influências nas vivências das pessoas nesse processo de envelhecimento e dos idosos. Para tal problemática formulou-se a seguinte questão: De que forma as representações sociais sobre o processo de envelhecimento e a velhice, corrobora para sustentar o preconceito e a estigmatização nesta fase singular?

Este trabalho propõe uma análise detalhada, através de revisão bibliográfica, com o objetivo de compreender as representações sociais da velhice na mulher, refletindo sobre preconceitos, os

problemas e as vantagens que envolve o processo de envelhecimento, com a finalidade de desconstruir estigmatizações.

Deste modo, levando em consideração o aumento do envelhecimento da população, a pesquisa se faz necessária para que questões como preconceito, estigmatização, muitas vezes perpetuado por tais representações possam ser elucidadas para que haja oportunidade de reflexões sobre o tema e assim, trazer a luz novas representações a fim de evitar o isolamento social nessa fase do ciclo da vida.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Reflexões sobre o “eu” na meia-idade

Embora muitos considerem a meia-idade, que se estende dos 35 aos 57 anos, como um período de transição entre a juventude e a velhice, sua definição e características nem sempre são claras ou aceitas universalmente (CASTRO; CAMARGO, 2017).

Nesta fase, é comum que muitos alcancem picos de produtividade no trabalho e desempenho físico e intelectual, mas será que todos realmente sentem esta estabilidade emocional, financeira e profissional frequentemente associada à meia-idade?

Enquanto muitos nesta faixa etária já finalizaram sua formação acadêmica e têm estabilidade profissional e familiar, é válido questionar se eles realmente sentem que estão desfrutando do "melhor dos mundos". Afinal, embora a combinação da energia da juventude com a segurança em áreas como saúde, finanças e autoimagem possa parecer ideal, nem todos podem se sentir assim.

É verdade que muitas vezes são vistos como privilegiados por outras faixas etárias, valorizando sua autonomia e o tempo que possuem. No entanto, a realidade pode ser mais complexa e menos idílica do que parece à primeira vista. Mori e Coelho (2004) sugerem que a adultez na era pós-moderna já não é mais vista como uma fase de completude, contrariando a noção convencional sobre a meia-idade.

Dentro dessa complexidade, os sentimentos e percepções que permeiam a meia-idade são diversos. Para muitos, esse período traz consigo uma série de questionamentos e reflexões profundas sobre a própria vida, as escolhas feitas e os caminhos que ainda desejam seguir. Surge, frequentemente, o fenômeno conhecido como "crise da meia-idade", onde se questiona se a vida

que se vive é realmente a que se deseja. Muitas dessas noções e sentimentos são influenciados pelas representações sociais. Estas representações, geradas através das interações diárias e comunicações dentro dos grupos sociais, funcionam como um guia para a compreensão de fenômenos complexos, como a meia-idade. Através dessas "teorias do senso comum", tentamos tornar familiar aquilo que é desconhecido, facilitando a nossa capacidade de relacionar e processar as mudanças que ocorrem nesta fase da vida (MOSCOVICI, 2003).

Os medos se manifestam de formas distintas. Para alguns, o avanço da idade desperta preocupações sobre a saúde e a mortalidade, levando-os a ponderar sobre o legado que desejam deixar para as gerações futuras. Outros temem não ter aproveitado suficientemente a juventude ou não ter realizado todos os sonhos e aspirações. A sensação de que o tempo está passando rapidamente pode intensificar esses sentimentos de ansiedade e insegurança (CARRARA; VINAGRE; PEREIRA, 2020).

Para muitas mulheres, especificamente, a meia-idade traz desafios adicionais relacionados à menopausa, à percepção social sobre o envelhecimento feminino e às mudanças na dinâmica familiar, como os filhos saindo de casa, a mudança nos papéis sociais, a aposentadoria e etc. Estas mudanças biológicas e sociais podem afetar a autoestima e a forma como se enxergam, bem como são vistas na sociedade.

Além disso, embora muitos possam ter alcançado uma certa estabilidade financeira e profissional, isso não garante automaticamente satisfação ou realização pessoal. Questões como a busca por propósito, a necessidade de reinvenção profissional e a vontade de explorar novas paixões ou hobbies podem surgir. A pressão para manter uma aparência jovem, impulsionada por padrões estéticos sociais, também pode ser uma fonte de estresse.

No entanto, é crucial reconhecer que a meia-idade também pode ser um período de crescimento, aprendizado e autoaceitação. Muitos descobrem novos interesses, estabelecem conexões mais profundas e aprendem a valorizar os momentos mais simples da vida. Com uma abordagem equilibrada e uma mentalidade aberta, esta fase pode ser uma das mais gratificantes e significativas da existência humana.

O “velho” na sociedade e concepções terminológicas

Segundo Marco Túlio Cícero (2005), o envelhecimento é uma etapa inevitável da existência humana, carregando consigo uma complexidade intrínseca que se entrelaça com as

percepções socioculturais de diferentes eras e sociedades. Ao longo da história, a maneira como a velhice é entendida e vivenciada passou por significativas transformações, muitas delas moldadas pelo contexto sociocultural do momento.

Conforme explicam Minayo e Coimbra Junior (2002), no século XIX, por exemplo, o termo "velho" era amplamente utilizado para se referir a indivíduos acima dos 60 anos. Esse rótulo, ao longo do tempo, adquiriu conotações negativas, associadas a declínio, fragilidade e até mesmo obsolescência. Contudo, as últimas décadas testemunharam uma mudança nessa percepção, com a substituição do termo por "idoso". Mais do que uma simples troca terminológica, essa mudança é reflexo de uma evolução no modo como a sociedade enxerga e valoriza seus membros mais velhos.

Continuam explicando Minayo e Coimbra Junior (2002) que a transição terminológica para "idoso" e, subsequentemente, para expressões como "Terceira Idade" e "Melhor Idade", sugere uma tentativa de reconhecer o valor, a sabedoria e a experiência que vêm com a idade. Em vez de focar nas limitações, a sociedade moderna começou a reconhecer o potencial ainda presente na vida dos mais velhos. Esse movimento busca, em parte, resgatar a dignidade e o respeito que os mais velhos merecem, destacando suas contribuições passadas e atuais para a sociedade.

Simultaneamente, é fundamental observar a abordagem de Simone de Beauvoir em relação ao envelhecimento. Ela reconheceu que, embora houvesse uma mudança gradual na terminologia, as percepções subjacentes e os estigmas associados à velhice permaneciam enraizados. Particularmente, a invisibilidade das mulheres idosas na literatura e na história é reveladora do patriarcado intrínseco que caracteriza muitas sociedades (DE BEAUVOIR, 1970). Esta exclusão dupla, baseada tanto na idade quanto no gênero, evidencia a necessidade de uma reavaliação mais profunda das atitudes em relação ao envelhecimento, especialmente no contexto feminino.

Segundo Chartier (2014), o estudo das concepções de envelhecimento, portanto, não é apenas uma questão de analisar mudanças terminológicas ou sociais superficiais. Em vez disso, é um convite à introspecção e reflexão sobre como a sociedade valoriza, ou frequentemente desvaloriza, a experiência, a sabedoria e as contribuições dos seus membros mais velhos. Esta análise é crucial não apenas para garantir justiça e respeito, mas também para enriquecer o tecido cultural e social com as perspectivas e lições que apenas os anos podem trazer.

A meia-idade, especialmente para as mulheres, é frequentemente acompanhada por uma série de transformações, tanto físicas quanto psicológicas, que podem trazer à tona sentimentos

conflitantes e ambivalentes em relação ao envelhecimento. A sociedade, com suas normas e expectativas rígidas, desempenha um papel significativo em moldar a maneira como as mulheres percebem essa fase da vida (CHARTIER, 2014).

A mulher na meia-idade encontra-se, muitas vezes, em um limbo social. Por um lado, não é mais vista como a jovem idealizada pela sociedade, cuja beleza e vitalidade são constantemente exaltadas. Por outro, ainda não se encaixa completamente no arquétipo da idosa sábia e venerável. Essa ambiguidade pode gerar sentimentos de invisibilidade e irrelevância (JODELET, 2001).

A sociedade, com sua incessante glorificação da juventude, especialmente no que tange ao padrão estético feminino, contribui para essa sensação. Mídias e publicidades frequentemente reforçam a ideia de que a beleza é sinônimo de juventude, deixando pouco espaço para a celebração das marcas e histórias que as rugas e os cabelos prateados podem contar (DE BEAUVOIR, 1970).

Essa pressão sociocultural muitas vezes leva as mulheres a buscarem desesperadamente maneiras de "reverter o relógio", seja através de procedimentos estéticos, dietas ou regimes de beleza rigorosos. Este não é um julgamento sobre tais escolhas, mas uma observação da poderosa influência da sociedade sobre a autoimagem e autoestima da mulher (GOLDENBERG, 2013). Conforme Moscovici (2003) apontou, é nas interações e comunicações dos grupos sociais que tais representações são formadas, tornando aquilo que pode ser estranho ou intimidador em algo familiar. Assim, a busca das mulheres por estes padrões pode ser compreendida como uma tentativa de se alinhar com as teorias do senso comum prevalentes em sua cultura (MOSCOVICI, 2003).

Com base nesses pensamentos, Jodelet (2001) também aponta que as representações sociais são construções dinâmicas, constantemente em evolução e sendo reformuladas com base nas interações e experiências cotidianas. Elas não são meramente reflexos passivos da realidade, mas ativamente modeladas e remodeladas pelas percepções, crenças e valores dos membros da sociedade. Portanto, as representações desempenham um papel crucial na criação e manutenção de normas sociais, influenciando o comportamento dos indivíduos e grupos. Em contextos onde determinados ideais estéticos e comportamentais são valorizados, as representações sociais podem reforçar padrões e estereótipos, levando a comportamentos e atitudes conformes ou, em certos casos, a resistências e desafios a essas normas estabelecidas.

Além disso, a meia-idade frequentemente coincide com outras mudanças significativas na vida de uma mulher, como o esvaziamento do ninho, menopausa e reflexões sobre realizações

personais e profissionais. Em vez de ser um período de celebração desses marcos e transições, a sociedade muitas vezes os pinta com um tom negativo, reforçando estereótipos sobre a "crise da meia-idade" e a inevitável "decadência" que supostamente a acompanha (MINAYO; COIMBRA JUNIOR, 2002).

Diante deste cenário, Chartier (2014) enfatiza que é fundamental questionar e desafiar as visões tradicionais e estereotipadas. A meia-idade, longe de ser um período de declínio, pode ser um momento de reafirmação, autodescoberta e empoderamento para as mulheres. Em vez de perpetuar narrativas que marginalizam e diminuem seu valor, a sociedade deve se esforçar para criar espaços onde as experiências e contribuições das mulheres maduras sejam reconhecidas e celebradas.

O envelhecimento não é uma doença nem um defeito, mas uma etapa natural e bela da jornada humana. Ao honrar a sabedoria, a resiliência e a diversidade das experiências das mulheres na meia-idade, pode-se abrir caminho para uma visão mais inclusiva e holística da feminilidade, que valorize todas as fases da vida de uma mulher. Esta mudança de paradigma é não apenas uma questão de justiça social, mas também uma oportunidade de enriquecer a tapeçaria cultural com perspectivas e vozes muitas vezes negligenciadas.

CONCLUSÕES

Reconhecendo a complexidade da meia-idade e a multiplicidade de experiências que ela engloba, é vital perceber que esse período pode representar uma fase de introspecção profunda, crescimento e transformação para muitas mulheres. A sociedade, influenciada por representações sociais, pode propagar uma visão distorcida do envelhecimento, enfatizando frequentemente a juventude como o ápice da vida.

No entanto, muitas mulheres na meia-idade encontram, paradoxalmente, uma fonte de empoderamento, descobrindo uma autoconfiança, resiliência e autenticidade que talvez não tenham experimentado em fases anteriores da vida. Apesar das pressões socioculturais, envelhecer pode ser visto não como um declínio, mas como uma jornada contínua de autodescoberta, permitindo a reavaliação, redefinição e celebração do self.

Esta fase, com sua riqueza de experiências e sabedoria acumulada, contribui imensamente para o mosaico social e cultural. Portanto, é imperativo que, como sociedade, celebremos e valorizemos a profundidade, complexidade e riqueza que a mulher na meia-idade apresenta.

Com base nisto, este estudo conclui que a meia-idade, particularmente para as mulheres, não deve ser entendida ou reduzida a simples estereótipos ou narrativas negativas associadas ao envelhecimento. Ao contrário, é uma fase caracterizada por uma rica tapeçaria de autoconhecimento, resiliência e transformação. Os impactos das representações sociais sobre as percepções da meia-idade, como elucidado por teóricos como Moscovici e Jodelet, são evidentes, mas não são absolutos. Muitas mulheres desafiam e redefinem essas representações, encontrando empoderamento e autenticidade nesta etapa da vida. Além disso, a habilidade de se reavaliar e redefinir contribui para uma visão mais positiva e holística do envelhecimento. Portanto, é essencial que abordagens acadêmicas, políticas e sociais reconsiderem e reconheçam o valor e a complexidade das experiências das mulheres na meia-idade, promovendo uma visão mais inclusiva, respeitosa e celebratória deste período significativo da vida humana

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARRARA, Flávia Franco; VINAGRE, Carmem Guilherme Christiano de Matos; PEREIRA, Luciane Lúcio. Percepção do envelhecimento: mulheres de meia idade e idosas que buscam por procedimentos estéticos. **Rev. Mult. Psic.** V.14, N. 49 p. 38-50, 2020.

CASTRO, Amanda; CAMARGO, Brigido Vizeu. Representações sociais da velhice e do envelhecimento na era digital: revisão da literatura. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte, v. 23, n. 3, p. 882-900, dez. 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S16771682017000300007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 25 out. 2023.

CHARTIER, Roger. Raio-X. Entrevista concedida à Revista Mais 60: Estudos sobre o envelhecimento. **Rev. Mais 60: estudos sobre envelhecimento** / Edição do Serviço Social do Comércio. – São Paulo: Sesc São Paulo, v. 25, n. 60, jul. 2014.

DE BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1970.

GOLDENBERG, M. Mulheres e envelhecimento na cultura brasileira. **Caderno Espaço Feminino**, [S. l.], v. 25, n. 2, 2013. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/nequem/article/view/21803>. Acesso em: 15 out. 2023.

JODELET, D. **Representações sociais: um domínio em expansão**. In: JODELET, D. (Org.). **Representações sociais**. Eduerj, p. 17-44. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.

CÍCERO, Marco Túlio. **A virtude e a felicidade** (Tvscvlanarvm dispvtationvm liber qvintvs). Tradução de Carlos Ancêde Nogueú. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza.; COIMBRA JUNIOR, Carlos Eduardo, orgs. Antropologia, saúde e envelhecimento. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. **Antropologia & Saúde collection**, 209 p. ISBN: 978-85-7541-304-3.

MORI, Maria Elizabeth; COELHO, Vera Lucia Decnop. **Mulheres de corpo e alma: aspectos biopsicossociais da meia-idade feminina**. Revista Psicologia, Reflexões Críticas, v. 17, n. 2, pp. 177-187. Porto Alegre, PR: 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=Soi0279722004000200006&lng=en&nrm=isso. Acesso em: 25 out. 2023

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Rio de Janeiro, Vozes, 2003. 404 páginas (trad. Pedrinho A. Guareschi, a partir do original em língua inglesa Social representations: explorations in social psychology [Gerard Duveen (ed.), Nova York, Polity Press/Blackwell Publishers, 2000]).